

UM ESTUDO SOBRE A ALMA EM OLAVO BILAC: O ESCONDERIJO DO SEU SER ROMÂNTICO

A STUDY ON THE SOUL IN OLAVO BILAC: THE HIDING PLACE OF HIS ROMANTIC BEING

Gabriel Souza ANDRADE¹

RESUMO: Este estudo tem como objetivo principal explorar as possíveis significações do termo “alma” presente nos poemas da obra *Alma inquieta* (1902), do autor Olavo Bilac, expondo suas múltiplas recorrências e suas possíveis relações com a alma romântica. Vale salientar que este trabalho foi realizado a partir de uma metodologia qualitativa interpretativa, apresentando como foco central a obra poética, mas sem esquecer dos estudos teóricos que possibilitam seu tangenciamento. Para alcançar tais objetivos, o trabalho inicia-se contextualizando o momento literário em que o poeta viveu, o Parnasianismo, bem como as posteriores críticas, tanto ao poeta quanto ao período. Logo após, apresenta-se a efetiva análise dos poemas, destacando as reincidências textuais da palavra “alma”, além de traçar paralelos e ligações com o Romantismo.

PALAVRAS-CHAVE: Olavo Bilac. Alma. Romantismo. Parnasianismo.

ABSTRACT: The main objective of this study is to explore the possible meanings of the term “soul” present in the poems of the work *Alma inquieta* (1902), by the author Olavo Bilac, exposing its multiple recurrences and its possible relations with the romantic soul. It is worth noting that this work was carried out based on a qualitative interpretative methodology, presenting as its central focus the poetic work, but without forgetting the theoretical studies that allow its tangency. To achieve these objectives, the work begins by contextualizing the literary period in which the poet lived, the Parnassianism, as well as the subsequent criticisms, both of the poet and of the period. Soon after, the effective analysis of the poems is presented, highlighting the textual recurrences of the word “soul”, in addition to drawing parallels and connections with Romanticism.

KEYWORDS: Olavo Bilac. Soul. Romanticism. Parnassianism.

Introdução

Apesar de ser considerado um poeta canônico, Olavo Bilac ainda é pouco pesquisado e estudado levando em consideração a extensão de suas obras, além de comumente ser abordado apenas enquanto objeto da historiografia literária, ou seja, como um exemplar autêntico e fiel ao Parnasianismo brasileiro.

1. Graduado em Letras – Português pela Universidade Federal de Sergipe. Mestrando em Estudos literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: gabrielsouzaandrade00@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3712-1593>.

Nas palavras de Alfredo Bosi:

Hoje parece um consenso da melhor crítica reconhecer em Bilac não um grande poeta, mas um poeta eloquente, capaz de dizer com fluência as coisas mais dispares, que o tocam de leve, mas o bastante para se fazerem, em suas mãos, literatura (Bosi, p. 1982, p. 241).

Essa visão sobre os escritos de Bilac deve-se bastante ao advento do Modernismo no Brasil e aos seus desdobramentos, como bem lembra Ivan Teixeira no seu texto “Em defesa da poesia (Bilaquiana)”, presente na edição do *Poesias*, de Olavo Bilac, publicado em 1996, pela editora Martins Fontes:

Os novos escritores conseguiram impor-se. Mais do que isso, transmitiram às novas gerações seu horror literário pelo Parnasianismo. Depois do Modernismo, raros leitores de bom nível conseguiram apreciar os poetas do Parnaso brasileiro. Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, Francisca Júlia... todos previamente recusados sob o pretexto de que são frios, mecânicos, superficiais, formalistas, retrógrados, previsíveis, burgueses, etc. Repetem-se hoje os estereótipos criados do combate modernista há mais de oitenta anos, como se essa fosse uma perspectiva absoluta (Teixeira, 1996, p. 12).

O Modernismo sinalizou uma ruptura com as tendências das últimas décadas (a saber, o Parnasianismo e o Simbolismo) e, como toda vanguarda, não mediu críticas aos escritores do momento anterior. Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros críticos e escritores consideravam o Parnasianismo e, conseqüentemente, as obras bilaquianas, como produtos importados do Parnaso europeu, afinal, “Não há mais poesias/ mas há artes poéticas”² estes versos escritos por Manuel Bandeira corroboram com a afirmação anterior de Bosi.

Os modernistas acreditavam que os poemas parnasianos não expressavam a essência do Brasil, diferentemente do Romantismo, escola anterior ao Parnaso, tido como o período que consolidou a formação da nação brasileira.

Essa desvalorização da qualidade literária do poeta central deste estudo resultou no enclausuramento das múltiplas facetas que um bom escritor, geralmente, apresenta. Grande parte dos pesquisadores enxerga somente duas vertentes possíveis: respeitá-lo enquanto poeta parnasiano, valorizando a sua contribuição para a literatura brasileira, mas acabando por resumi-lo apenas ao movimento a que pertenceu; ou desdenhá-lo enquanto poeta, negando sua qualidade literária.

Este estudo parte de uma nova vertente, defendida por Teixeira, que é a revisitação dos seus escritos sem as lentes do Modernismo. Ou seja, tenciona-se resgatá-lo da prisão do Parnaso na qual fora enclausurado anteriormente e entender seus poemas não apenas como exemplares do Parnasianismo, mas sim enquanto escritos de alta qualidade literária.

O estudo aqui efetivado se dará em três etapas. O primeiro momento se deu nesta introdução, que serviu para contextualizar o momento literário em que o poeta produziu e de como a crítica atual o vê. Num segundo momento são apresentadas análises dos poemas do livro estu-

2. Trecho do poema “Os sapos” (1919).

dado. Por fim, em sua conclusão, reúnem-se os argumentos centrais tratados na pesquisa, como também apontamos para a possibilidade de novas pesquisas.

A alma romântica e inquieta de Olavo Bilac

O termo alma foi (e ainda é) objeto de discussão em diferentes áreas; dimensioná-la em suas acepções e seus usos não é tarefa fácil. O livro *Na alma (De anima)*, atribuído a Aristóteles, traz um apanhado geral do que alguns pensadores acreditavam ser a composição da alma. Para a grande maioria, a alma é movimento.³ Para o próprio Aristóteles, substância.⁴ É fato que há complexidade neste termo. Sua compreensão não é apenas interesse dos filósofos, mas também dos poetas, como bem pontou Gaston Bachelard em sua obra *Poética do Espaço*:

A palavra alma é uma palavra imortal. Em alguns poemas, indelével. É uma palavra da emanção. [...] A palavra alma pode ser dita poeticamente com tal convicção que anima todo um poema. O registro poético que corresponde à alma deve, pois, ficar em aberto para as nossas indagações fenomenológicas (Bachelard, 1957, p. 186).

O livro *Alma inquieta*, que fora incluído posteriormente no ano de 1902 na coletânea de poemas *Poesias* (1888), do poeta Olavo Bilac, é ainda menos divulgado que o restante de suas obras. Como já destacado nesta introdução, por não ter o apreço da crítica, os escritos do príncipe dos poetas foram (e ainda são) deixados de lado pelos estudiosos da área. Só os textos que carregam características marcantes do Parnasianismo são difundidos, apesar de terem um objetivo claramente posto: servirem de exemplos para compor a historiografia literária brasileira, para serem utilizados apenas como “exemplo de poema parnasiano” em livros didáticos.

Este livro em específico apresenta outras facetas do poeta, outras formas de expressão. É nele que as influências que Bilac recebeu do Romantismo surgem. Por ser um campo fértil, em que múltiplos caminhos podem ser tomados, é importante delimitar o escopo deste estudo da alma. O que nos interessa neste trabalho é como esse termo é tomado e a forma como ele é constituído no livro.

O título já nos lança para outro campo aquém do Parnaso, afinal, o movimento se faz “Na convergência de ideais antirromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma” (Bosi, 1992, p. 233). Essa necessidade de objetividade à criação poética foi afirmada anteriormente pelo próprio Bilac, na sua obra conjunta com Guimarães Passos, o *Tratado de versificação*:

3. “A alma é, acima de tudo e em primeiro lugar, afirmam alguns, aquilo que move” (Aristóteles, 350 a.C, p. 9).

4. “«Substância» diz-se em três sentidos, como referimos, dos quais um é forma, outro matéria, e o terceiro o composto de forma e matéria.” (Aristóteles, 350 a.C, p. 40).

O pensamento só deverá ser aproveitado quando todas as sutilezas da arte do verso estiverem tão desvendadas e tão familiares as suas modalidades, que o verso salte espontâneo da mente para a grafia, sem prejuízo da expressão que deve ter, nem da emoção que pretende comunicar (Bilac; Passos, 1905, p. 74).

Já o culto da forma aparece em vários poemas dele; cabe destacar os versos de “Profissão de fé”, onde afirma a sua adoração à Forma, tratando-a enquanto o ponto mais importante do poema: “Assim procedo. Minha pena/Segue esta norma/ Por te servir, Deusa Serena,/Serena Forma!”

Então, como um poeta parnasiano que tem a objetividade e a polidez no cerne de seus escritos, que carrega a serenidade em grande parte das suas obras, pode apresentar a *alma inquieta*?

Nos 49 (quarenta e nove) poemas que compõem o livro *Alma inquieta*, o termo “alma” aparece 33 (trinta e três) vezes dividido entre 22 (vinte e dois) poemas, sendo o tema central em alguns poemas. Para que sirvam de objeto de comparação, o livro *Via Láctea* (1888) é composto por 35 (trinta e cinco) poemas, e a palavra alma aparece em 4 (quatro) deles sendo repetida apenas 6 (seis) vezes durante o livro; já em sua obra *Tarde* (1919), onde se concentra o maior número de poemas, 98 (noventa e oito), o termo surge 29 (vinte e nove) vezes em 28 (vinte e oito) poemas. Portanto, proporcionalmente, o livro deste estudo é também o livro em que Bilac mais versa sobre alma.

Sabendo de tais posições ocupadas pelo poeta de “*Nel mezzo del camin...*”⁵ a recorrência do substantivo alma torna-se ainda mais intrigante. Vejamos o poema “*Midsummer’s night’s dream*”:

Quem o encanto dirá destas noites de estio?
Corre de estrela a estrela um leve calefrio,
Há queixas doces no ar... Eu, recolhido e
[só,
Ergo o sonho da terra, ergo a fronte do pó,
Para purificar o coração manchado,
Cheio de ódio, de fel, de angústia e de
[pecado

Que esquisita saudade! – Uma lembrança
[estranha
De ter vivido já no alto de uma montanha,
Tão alta, que tocava o céu... Belo país,
Onde, em perpétuo sonho, eu vivia feliz,
Livre da ingratidão, livre da indiferença,
No seio maternal da Ilusão e da Crença!

Que inexorável mão, sem piedade, cativo,
Estrelas, me encerrou no cárcere em que
[vivo?

5. Poema pertencente ao livro *Sarças de fogo* (1888).

Louco, em vão, do profundo horror deste
[atascal,
Bracejo, e peno em vão, para fugir do mal!
Por que, para uma ignora e longínqua
[paragem,
Astros, não me levais nessa eterna viagem?

Ah! quem pode saber de que outras vidas
[veio?...
Quantas vezes, fitando a Via-Láctea, creio
Todo o mistério ver aberto ao meu olhar!
Tremo... e cuido sentir dentro de mim
[pesar
Uma alma alheia, uma alma em minha
[alma escondida,
– O cadáver de alguém de quem carrego a
[vida...
(Bilac, 2011, p. 105).

Por utilizar já no título uma clara referência à peça teatral de William Shakespeare, “Sonho de uma noite de verão” (em livre tradução), o poeta acaba por nortear nossa leitura para esse campo semântico onde floresce a subjetividade: objeto caro à tradição romântica. Já nas duas primeiras estrofes apresenta-se um eu lírico insatisfeito com seu estado atual, buscando algo que ainda não consegue definir o que seria, mas que já fez parte dele: “Que esquisita saudade! – Uma lembrança estranha/ De ter vivido já no alto de uma montanha” (primeiro e segundo versos da terceira estrofe). Essa confusão de sentimentos e falta de pertencimento é confirmada pelo uso recorrente das reticências, que são utilizadas quatro vezes durante o poema, no terceiro, nono, vigésimo segundo e vigésimo terceiro versos, respectivamente. Prossegue-se a leitura e acaba-se por esbarrar em outra intertextualidade, o segundo e terceiro versos da quarta estrofe retomam o poema “XIII” do livro *Via Láctea* do poeta aqui estudado: “E conversamos toda a noite, enquanto/A via láctea, como um pálido aberto/ Cintila.” (trecho presente na segunda estrofe). Entretanto, esta referência serve para marcar a contradição que acompanha o eu lírico durante todo o poema: o fato de não entender a si, de não compreender a sua verdadeira essência, faz com que o poeta procure respostas nas estrelas, como já fora respondido anteriormente.⁶ Sem sucesso, acaba culpando a via láctea que outrora já fora sua confidente, julgando-se abandonado: “Astros, não me levais nesta eterna viagem?” Por fim, o próprio eu lírico chega à conclusão de que nele reside uma alma anterior, uma alma que lhe pesa, uma alma que contraria seu eu (parnasiano?), uma alma *romântica!*

Seguindo nesta linha, apresenta-se o poema “*Vanitas*”:

6. “Pois só quem ama pode ter ouvido/ Capaz de ouvir e de entender estrelas” (Bilac, 2011, p. 51).

Cego, em febre a cabeça, a mão nervosa e fria,
Trabalha. A alma lhe sai da pena, alucinada,
E enche-lhe, a palpitar, a estrofe iluminada
De gritos de triunfo e gritos de agonia.
Prende a ideia fugaz; doma a rima bravia,
Trabalha... e obra, por fim, resplandece acabada:
“Mundo, que as minhas mãos arrancaram do nada!
Filha do meu trabalho! ergue-te à luz do dia!

Cheia da minha febre e da minha alma cheia,
Arranquei-te da vida ao ádito profundo
Arranquei-te do amor à mina ampla e secreta!

Posso agora morrer, porque vives!” E o Poeta
Pensa que vai cair, exausto ao pé de um mundo,
E cai – vaidade humana! – ao pé de um grão de areia...
(Bilac, 2011, p. 116).

O poema “*Vanitas*” (do latim, “vaidade”) trata dos percalços que o poeta pode enfrentar em seu processo criativo, portanto, trata-se de uma metapoesia. Nesta obra somos expostos ao eu lírico em seu momento de inspiração, na ocasião em que a poesia o fisga e causa-lhe emoções tão efervescentes que se confundem com sintomas de uma doença: “Cego, em febre a cabeça, a mão nervosa e fria.” (versos da primeira estrofe). No decorrer do poema as dificuldades do fazer poético são postas, as batalhas que o poeta necessita enfrentar para que o texto alcance sua formação, entre “os gritos de triunfo e gritos de agonia” (quarto verso) até a “dominação da rima bravia” (quinto verso); no fim, o poema surge em resplandecência, apesar de causar danos profundos ao poeta, capaz de fazê-lo cair ao chão abdicando de sua vaidade: “Pensa que vai cair, exausto, ao pé de um mundo,/ E cai, – vaidade humana! – ao pé de um grão de areia...”. Entretanto, para ter êxito em sua missão, tal fato deve ocorrer: “a alma lhe sai da pena, alucinada, / E enche-lhe a palpitar, a estrofe iluminada”. Destaca-se o adjetivo “alucinada” e o verbo “palpitar”, que trazem esse sentimento de inquietude, de dissociação, que contrariam a ideia posta em outro poema de Bilac (dito como exemplo parnasiano), onde a sutileza é elemento basilar da construção: “E que o labor do verso, acaso,/ Por tão sutil,/ Possa lembrar de um vaso/ De Becerril” (nona estrofe do poema), acabando por corroborar com o ideal romântico comentado por Anatol Rosenfeld em seu texto “Romantismo e Classicismo”: “a efusão violenta de efeitos e paixões, as dissonâncias, a desarmonia em vez da harmonia. O subjetivismo radical derrama-se incontido, como já se viu na auto-expressão do artista.” (Rosenfeld, 1978, p. 268).

Logo, entende-se esta alma mais próxima ao romantismo que ao parnaso. Se no primeiro poema destacado somos apresentados a esta alma romântica, neste poema pode-se entender como ela aparece e como martiriza o poeta. Afinal, o Romantismo é caracterizado pela subjetividade e pelo prazer/dever de assumir a culpabilidade do próprio sofrimento.

Vejamos o próximo poema, intitulado “Só”:

Este, que um deus cruel arremessou à vida,
Macarcando-o com o sinal de sua maldição
– Este desabrochou como a erva má, nascida
Apenas para os pés ser calcada no chão

De motejo em motejo arrasta a alma ferida..
Sem constância no amor, dentro do coração
Sente, crespa, crescer a relva retorcida
Dos pensamentos maus, filhos da solidão.
Longos dias sem sol! noites eterno luto!
Alma cega perdida à toa no caminho!
Roto casco de nau desprezado no mar!

E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto;
E, homem, há de morrer como viveu: sozinho!
Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!
(Bilac, 2011, p. 131).

Este soneto poderia ser facilmente enquadrado em uma coletânea do romantismo brasileiro, afinal, a subjetividade e a melancolia transbordam nestes versos de lamentações do eu lírico sobre sua solidão e sua falta de ascensão: “E, homem, há de morrer como viveu: sozinho” (segundo verso da quarta estrofe). Dentre várias características românticas presentes neste texto, podemos destacar a alma, que se apresenta “ferida” (primeiro verso da segunda estrofe) e “cega perdida à toa no caminho” (segundo verso da terceira estrofe). Todas estas mazelas que atormentam a alma do poeta fazem com que essa *substância* busque refúgio em um corpo já habitado: “cuido sentir dentro de mim pesar/ Uma alma alheia, uma alma em minha alma escondida” (versos do “Midsummer’s night’s dream”); ou até mesmo, que deseje o seu próprio esvair deste mundo: “Posso agora morrer” (verso do “Vanitas”).

Tais características atribuídas à alma são retomadas em “Tédio”:

Sobre minha’alma, como sobre um trono,
Senhor brutal, pesa o aborrecimento.
Como tardas em vir, último outono,
Lançar-me as folhas últimas ao vento!

Oh! dormir no silêncio e no abandono,
Só, sem um sonho, sem um pensamento,
E, no letargo do aniquilamento,
Ter, ó pedra, a quietude do teu sono!

Oh! deixar de sonhar o que não vejo!
Ter o sangue gelado, e a carne fria!
E, de uma luz crepuscular velada,

Deixar a alma dormir sem um desejo,
Ampla, fúnebre, lúgubre, vazia
Como uma catedral abandonada!
(Bilac, 2011, p. 145).

No contexto em que se apresenta este estudo, considera-se válido propor um diálogo ainda mais íntimo entre esses dois últimos poemas, “Só” e “Tédio”, afinal, os dois versam sobre a solidão. Entretanto, em “Tédio” temos um certo tipo de louvor, desejo e esperança diante da morte. Assim como na poesia “Se eu morresse amanhã!”, de Álvares de Azevedo, importante escritor do Romantismo brasileiro, que diz “Mas essa dor da vida que devora/ A ânsia da glória, o dolorido afã.../A dor no peito emudecera ao menos/ Se eu morresse amanhã!”, a morte funcionaria como uma saída deste mundo de dor, tédio e sofrimento. Assim diz Olavo Bilac: “Sobre minha’alma, como sobre um trono,/Senhor brutal, pesa o aborrecimento” (primeiro e segundo versos da primeira estrofe). Esta alma se encontra cansada dessas repreensões e deseja buscar um abrigo, ou uma saída: a aniquilação das suas vontades, por fim, “Deixar a alma dormir sem um desejo” (primeiro verso da última estrofe).

Retomando todos os poemas já analisados até aqui, que estão contribuindo para a formação desta alma romântica presente em Olavo Bilac, chega-se ao quinto e último deste artigo. Como se fosse um grito, carregado de culpa e de desejos, eis “Maldição”:

Se por vinte anos, nesta furna escura,
Deixei dormir a minha maldição,
– Hoje, velha e cansada da amargura,
Minha’alma se abrirá como um vulcão.

E, em torrentes de cólera e loucura,
Sobre tua cabeça ferverão
Vinte anos de silêncio e de tortura,
Vinte anos de agonia e solidão..

Maldita sejas pelo Ideal perdido!
Pelo mal que fizestes sem querer!
Pelo amor que morreu sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem prazer!
Pela tristeza que eu tenho sido!
Pelo esplendor que deixei de ser!...
(Bilac, 2011, p. 146).

Esta “maldição”, já citada em “Só” (“Marcando-o com o sinal de sua maldição”) (segundo verso do poema) é retomada, e sua alma aparece aqui banhada em fúria para reclamar das situações em que fora posta, dos feitos que não teve por suas reprimendas. E que apesar dos silenciamentos, “Deixei dormir a minha maldição” (segundo verso da primeira estrofe) / “Vinte anos de silêncio e tortura” (quarto verso da segunda estrofe), sua alma “se abrirá como um vul-

ção” (quarto verso da primeira estrofe). Nas últimas duas estrofes temos as lamentações desta substância, vale destacar o primeiro verso da terceira estrofe, “Malditos seja pelo Ideal perdido!”, onde se lê uma crítica à escolha estética assumida e defendida pelo próprio poeta; outro fato que corrobora com esta afirmação é a repetição da contração “pelo/a”. Os últimos cinco versos do poema são iniciados por esta contração (por + o/a) reiterando a ideia de entrega; de viver *por* algum ideal. É como se a alma romântica “velha” e “cansada” de Olavo sentisse “a dissociação a que foi submetida e tenta, pela poesia, reintegrar-se à sua origem, distante do fragmento em que se transformara” (Andrade, 2017).

Vale salientar que o livro *Alma inquieta* foi adicionado somente em 1902 à coletânea, feita pelo próprio Bilac, do *Poesias*, este publicado em 1888; logo o poeta já teria professado sua fé, seja nos poemas, nas críticas ou nos ensaios que escrevera. Mas o que fazer com esta alma inquieta, senão exteriorizá-la de algum modo, deixar que ela saísse, de uma forma controlada em meio aos poemas parnasianos, para que não fosse encontrada tão facilmente, mas que ainda assim, tivesse um espaço para manter-se livre? Foi nesta obra que as pulsões da alma inquieta de Olavo Bilac encontraram este espaço de expressão; ou seja, é neste livro que se encontra o *esconderijo do seu ser romântico*.

Considerações finais

Olavo Bilac ainda é um poeta parnasiano. Tal afirmação pode parecer contraditória num primeiro momento, mas vale salientar que o objetivo deste estudo não é alterar sua filiação estética e ir contra, inclusive, as afirmações do próprio poeta, que defendia o Parnaso enquanto movimento legítimo. O objetivo deste estudo foi analisar esta “alma” aprisionada em Bilac, não para mudar a sua classificação historiográfica na literatura brasileira, mas sim para adicionar camadas à sua composição poética. Afinal, ao analisarmos os poemas trazidos neste artigo, percebemos diferentes características, geralmente não atribuídas ao poeta; em nenhum destes cinco poemas se pode afirmar uma vontade de objetividade, harmonia ou polidez (ao menos não de modo deliberado); o tom trazido nos versos caminha para o desejo (vide “Midsummer’s night’s dream”), a desarmonia (vide “*Vanitas*”), a melancolia (vide “Só”), a insatisfação (vide “Tédio”) e a revolta (vide “Maldição”). Vale comentar que tais temas são recorrentes na poesia romântica.

Cabe salientar que, ao assumir o recorte de estudar os poemas que versam especificamente sobre esta substância (afinal, entendemos as limitações estruturais que compõem um artigo), acabamos por deixar de lado características importantes que poderiam ser citadas nas análises, como a construção das ambientações dos poemas, os tons melancólicos, a presença do desejo, entre tantas possibilidades. Porém, destacar tais especificidades poderiam desviar do objetivo central deste estudo.

Por fim, é possível contrariar a afirmação trazida por Alfredo Bosi, na introdução deste artigo, e reconhecer Olavo Bilac como grande poeta. Pois,

Talvez seja mais atual ler o Parnasianismo como se leem os demais estilos do passado, isto é, com relativismo histórico, não em termos de adesão ou recusa estética. Projetar no passado as convicções adquiridas no presente pode gerar anacronismos incompatíveis com a boa inteligência dos textos além de funcionar como armadilhas para possíveis preconceitos (Teixeira, 1996, p. 30-31).

Ao assumirmos essa posição defendida por Teixeira, podemos (re)conhecer novos caminhos interpretativos à obra, não somente de Bilac, mas de todos os escritores com os quais a crítica tenha sido, de certa forma, desonesta ou incipiente.

Referências

ANDRADE, Alexandre de Melo. **Aspectos da Natureza no Romantismo: um recorte crítico**. A Palo Seco – Escritos de Filosofia e Literatura, São Cristóvão-SE: GeFeLit, n. 8, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/apaloseco/article/view/6317>. Acesso em 06 de jun. de 2025.

AZEVEDO, Álvares de. Se eu morresse amanhã!. *In*: FACIOLI, Valentim; OLIVIERI, Antonio.. **Poesia brasileira: romantismo**, São Paulo: Ática, 2011. p. 93.

BILAC, Olavo. **Poesias**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

BILAC, Olavo; PASSOS; Guimarães. **Tratado de versificação**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, 1905.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1982.

ROSENFELD, Anatol. *Romantismo e Classicismo*. *In*: GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 268.

TEIXEIRA, Ivan. Artífício, persuasão e sociedade em Olavo Bilac. **REVISTA USP**, São Paulo, n.54, p. 98-111, junho/agosto 2002.

TEIXEIRA, Ivan. *Em defesa da poesia bilaquiana*. *In*: BILAC, Olavo, **Poesias**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, São Paulo, 1996.